

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Corpovivências no enfrentamento à colonialidade: desdobramentos do construto na Linguística Aplicada Crítica

Ricardo Regis de Almeida

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14348>

Submetido em: 2025-11-29

Postado em: 2025-12-11 (versão 1)  
(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- RODRIGO MILHOMEM DE MOURA (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5156-2076>)

## ***Corpovivências no enfrentamento à colonialidade: desdobramentos do construto na Linguística Aplicada Crítica***

### **Corpovivências in confronting coloniality: unfoldings of the construct in Critical Applied Linguistics**

Ricardo Regis de Almeida

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Bragança, Brasil

[ricardoregisalmeida@gmail.com](mailto:ricardoregisalmeida@gmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9049-8401>

**Resumo:** Desde a invasão dos europeus à Abya Yala, ainda no final do século XV, a supremacia racial, ontoepistemológica e linguística do homem branco, cisheterossexual, patriarcal, europeu e cristão tem sido amplamente disseminada como representação única e necessária do sujeito moderno. Na contramão dessa lógica, propus, em minha tese de doutorado (Almeida, 2023), a reinserção de corpos não-brancos, antipatriarcais, antirracistas, anticapitalistas e anticisheteronormativos como elementos centrais na identificação, questionamento e interrupção dos mais diversos apagamentos e silenciamentos provocados pela colonialidade, aquilo que ousei chamar de *corpovivências decoloniais*. Neste texto, discuto de que maneiras o conceito de *corpovivências* vem se afirmando como estratégia de enfrentamento à colonialidade e às suas múltiplas dimensões, dentro e fora da sala de aula de língua inglesa. Para isso, tomo como referência trabalhos de pesquisadoras/es inseridas/os na seara da Linguística Aplicada Crítica (LAC) que têm se apropriado do construto. Atravessado pelas corpovivências de mulheres negras não acadêmicas e também pelas corpovivências de sujeitas/os presentes, em alguma medida, em discussões acadêmicas de diferentes áreas do conhecimento, tenho refletido sobre meus privilégios como homem cis, branco e gay e compreendido a urgência de apostar em praxiologias que articulam corpo, subjetividade, escrita, vivência, resistência e reexistência nas aulas de línguas. Afinal, mais do que fortalecer a língua como entidade neutra, apolítica e com fins meramente comunicativos, tenho entendido meu papel como sendo o de *aprender com* as corpovivências das pessoas que, por meio da língua[gem], performam múltiplas resistências, criam sentidos e reimaginam mundos e palavras.

**Palavras-chave:** Corpovivências. Colonialidade. Linguística Aplicada Crítica.

**Abstract:** Since the European invasion of Abya Yala, still at the end of the fifteenth century, the racial, onto-epistemological, and linguistic supremacy of the white, cisheterosexual, patriarchal, European, and Christian man has been widely disseminated as the single and necessary representation of the modern subject. Challenging this logic, I proposed in my doctoral dissertation (Almeida, 2023) the reinsertion of non-white, anti-patriarchal, anti-racist, anti-capitalist, and anti-cisheteronormative bodies as central elements in identifying, questioning, and interrupting the many forms of erasure and silencing produced by coloniality – what I dared to call *decolonial corpovivências*. In this text, I discuss how the concept of *corpovivências* has been consolidated as a strategy to confront coloniality and its multiple dimensions, both inside and outside the English language classroom. In order to do it, I draw on the works of researchers situated within the field of Critical Applied Linguistics (CAL) who have drawn on this construct. Informed by the *corpovivências* of non-academic Black women, and by the *corpovivências* of people who are present, in one way or another, in academic discussions across different fields of

knowledge, I have reflected on my privileges as a white cis gay man and recognized the urgency of investing in praxiologies that articulate body, subjectivity, writing, lived experience, resistance, and re-existence in language classes. After all, more than reinforcing language as a neutral, apolitical entity with merely communicative purposes, I have come to understand my role as one of learning from people's *corpovivências* who, through language, perform multiple resistances, create meanings, and reimagine wor(l)ds.

**Keywords:** *Corpovivências*. Coloniality. Critical Applied Linguistics.

**Resumo para não-especialistas:** A invasão dos europeus ao continente americano, ainda no final do século XV, trouxe implicações profundas para o modo como passaram a se ver diante dos povos indígenas que habitavam esse território. Para os colonizadores, sua religião (catolicismo), sua língua (português), sua cor (branca) e sua forma de se relacionar afetiva e sexualmente (heterossexualidade) funcionavam e ainda funcionam como uma régua para determinar quem pode ou não pode, quem sabe ou não sabe, quem deve existir e quem deve morrer nessas terras. Na minha tese de doutorado (Almeida, 2023), denunciei como essa régua colonial serve até hoje para explorar, excluir e violentar corpos, saberes e espiritualidades que não se alinham ao padrão católico, português, branco e heterossexual. Propus que essas características apagadas pelos colonizadores são exatamente as que precisamos para sobreviver em um mundo marcado pela desigualdade, pela fome e pela morte. Chamei essas marcas corporais presentes nos povos colonizados e com potencial de mudança de corpovivências, e acredito que podem ser elas as responsáveis por um mundo menos desigual. Neste texto, discuto como a ideia de corpovivências tem contribuído para denunciar essa régua colonial e de que maneiras isso tem ocorrido nas pesquisas de autoras/es inseridos no campo da Linguística Aplicada Crítica (LAC). Tenho feito isso com o auxílio de pessoas que atuam dentro e fora da universidade, como minha avó Antônia (*in memoriam*), minha vizinha Leonice, a psicóloga educacional Cida Bento, a escritora Carolina Maria de Jesus e o filósofo camaronês Achille Mbembe, entre outras/os. São essas pessoas que têm me auxiliado a perceber meus privilégios como homem branco, cis e gay, ao mesmo tempo em que me possibilitam pensar caminhos para articular corpo, subjetividade, escrita, vivência, resistência e reexistência nas e além das aulas de língua inglesa.

**Palavras-chave:** Corpovivências. Colonizadores europeus. Linguística Aplicada Crítica.

**Lay summary:** The invasion of the American continent by Europeans, still at the end of the fifteenth century, brought profound implications for how they came to see themselves in relation to the Indigenous peoples who inhabited this territory. For the colonizers, their religion (Catholicism), their language (Portuguese), their color (white), and their ways of relating affectively and sexually (heterosexuality) functioned – and still today function – as a measuring stick to determine who can or cannot, who knows or does not know, who should exist and who should die on these lands. In my doctoral dissertation (Almeida, 2023), I denounced how this colonial measuring stick continues to be used to exploit, exclude, and violate bodies, knowledges, and spiritualities that do not align with the Catholic, Portuguese, white, and heterosexual standard. I proposed that the very characteristics erased by the colonizers are precisely those we need to survive in a world marked by inequality, hunger, and death. I called these bodily marks present in colonized peoples and endowed with transformative potential *corpovivências*, and I believe they may be the ones capable of contributing to a less unequal world. In this text, I discuss how the idea of *corpovivências* has contributed to exposing this colonial measuring stick and the ways in which this has taken place in the research of authors situated within the field of Critical Applied Linguistics (CAL). I have done this with the support of people who work both within and beyond the university, such as my grandmother Antônia (*in memoriam*), my neighbor Leonice, educational psychologist Cida Bento, writer Carolina Maria de Jesus, and Cameroonian

philosopher Achille Mbembe, among others. These are the people who have helped me recognize my privileges as a white cis gay man, while also allowing me to envision ways of articulating body, subjectivity, writing, lived experience, resistance, and re-existence in and beyond English language classes.

**Keywords:** *Corpovivências*. European colonizers. Critical Applied Linguistics.

## Introdução

A primeira linguagem é a do corpo e, na medida em que essa é uma linguagem de perguntas e na medida em que limitamos essas perguntas e não ouvimos ou valorizamos senão o que é oral ou escrito, estamos eliminando grande parte da natureza humana (Freire; Faundez, [1985] 2021, p. 71).

Nota-se, na epígrafe acima, que dois dos elementos fundamentais para a proposição de uma pedagogia verdadeiramente questionadora apontados por Freire e Faundez ([1985] 2021) são a percepção do *corpo* e da *língua[gem]* como dimensões constitutivas da natureza humana e, portanto, dos espaços habitados por pessoas, a exemplo da própria sala de aula. Nessa direção, discutir como determinados corpos e suas respectivas marcas têm sido repetidamente silenciados, subalternizados e excluídos tanto de algumas noções de língua[gem] quanto da própria sala de aula de língua inglesa tem sido um dos meus maiores esforços, dentro e fora da universidade (Almeida, 2017; Almeida, 2022; Almeida 2023; Almeida 2025).

É com base nesse esforço contínuo e político que propus, ainda em 2022, o construto *corpovivências*. Na versão apresentada na qualificação da tese de doutorado, mobilizei o conceito para reafirmar a urgência de (re)pensarmos as nossas experiências de vida sempre ligadas aos corpos de quem as cultivamos em nossas memórias, sentimentos e práticas sociais. Conforme argumentei naquele momento, e sigo defendendo arduamente, as vivências estão sempre conectadas a corpos e, conseqüentemente, a raças, gêneros, sexualidades, etnias e classes específicos, muitos dos quais se apresentam como respostas insurgentes e necessárias à colonialidade e às suas múltiplas dimensões.

Ainda durante a sessão de qualificação da tese, a Profa. Dra. Viviane Silvestre destacou o potencial decolonial presente no construto e sugeriu que eu o desenvolvesse no estudo, inserindo-o também no título. Ela também me interpelou a refletir sobre como as minhas corpovivências acadêmicas e não acadêmicas poderiam aparecer e se imiscuir às discussões praxiológicas<sup>1</sup> presentes ao longo de toda a tese. Com base nos apontamentos iniciais da

---

<sup>1</sup> Inspirado pelas discussões de Pessoa, Silva e Freitas (2021), compreendo *praxiologias* como uma fusão fértil e necessária entre conhecimentos teórico-acadêmicos e saberes advindos de outros espaços sociais (movimentos sociais, coletivos, escolas, comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas, etc.).

professora avaliadora supramencionada acerca do papel das corpovivências e a partir de um exercício contínuo de leituras (de mundos, de corpos subalternizados, de teorias acadêmicas produzidas no/pelo Sul Global e de múltiplas semioses), defendi, em junho de 2023, a tese intitulada *Corpovivências decoloniais nas e para além das aulas de língua inglesa de um curso de Letras: português e inglês*.

Feita essa breve contextualização, discuto, neste artigo, de que maneiras o conceito de *corpovivências* vem se afirmando como estratégia de enfrentamento à colonialidade e às suas múltiplas dimensões, dentro e fora da sala de aula de língua inglesa. Para isso, tomo como referência trabalhos de pesquisadoras/es inseridas/os na seara da Linguística Aplicada Crítica (LAC) que têm se apropriado do construto. Como realizei em minha tese de doutorado (Almeida, 2023), repito, neste texto, o entrelace entre corpovivências acadêmicas e não acadêmicas na tentativa de ilustrar como as várias manifestações do conhecimento e as relações que estabelecemos com elas necessitam vislumbrar espaços/corpos/sentidos que extrapolam o ambiente acadêmico.

Dito isso, organizo o texto da seguinte maneira: após esta breve introdução, discuto as corpovivências de Leonice, cuja produção de bonecas e narrativas outras da vida social constitui uma forma potente de enfrentamento à colonialidade. Em seguida, apresento como se deu o meu primeiro contato com o pensamento decolonial, explico a diferença entre colonialismo e colonialidade, discuto as manifestações desta nas searas do poder, do saber e do ser e, na sequência, conceituo corpovivências. Avanço, então, para demonstrar como o construto tem sido mobilizado em diferentes estudos teórico-acadêmicos inseridos na Linguística Aplicada Crítica. Por fim, teço as considerações finais a respeito dos possíveis desdobramentos que o construto e o seu potencial decolonial pode assumir dentro e para além da academia.

## **Leonice<sup>2</sup>: de contadora de histórias à fazedora de bonecas**

Em primeiro lugar, reafirmo que, guiado pelo balanço das águas desse rio-vida – ora agitadas, ora calmas –, tenho compreendido o meu papel como professor de línguas, buscando evidenciar de que maneiras a ideia de corpovivências, nas aulas de língua inglesa, tem servido como estratégia de enfrentamento à colonialidade na minha atuação docente, tanto na Educação Básica quanto, agora, no Ensino Superior, ao longo de mais de uma década.

---

<sup>2</sup> Leonice autorizou a utilização de seu nome verdadeiro para a escrita deste texto. Todas as informações presentes na seção foram lidas e atestadas por ela.

Profundamente afetado pelas corpovivências de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Maya Angelou, Cida Bento, bell hooks, Tânia Rezende, Toni Morrison, Chimamanda Ngoze Adichie, Martin Luther King Jr., Achille Mbembe, entre tantas/os outras/os estudiosas/os pretas/os e pardas/os de diferentes campos do conhecimento, tenho refletido sobre meus privilégios como homem branco gay e compreendido a urgência de apostar em praxiologias que mesclam corpo, literatura, escrita, vivência, resistência e reexistência, nos termos de Achinte (2013), nas minhas aulas de língua inglesa. Afinal, uma das lições que aprendi com a Profa. Dra. Rosane Rocha Pessoa durante o doutorado é que “a gente ensina língua para fortalecer as pessoas e não a própria língua” (Almeida, 2023, p. 150).

Com base nas palavras ditas acima, percebo que, desde a minha primeira publicação de um texto acadêmico-científico (Almeida, 2017), foram incontáveis as vezes que notei a presença e a igual relevância de corpovivências acadêmicas e não acadêmicas na contínua rearticulação de noções de poder, saber, ser e língua[gem] dentro e fora da sala de aula de línguas. Em conversa recentemente publicada sobre a construção da minha tese de doutorado (Pessoa; Almeida, 2025), Rosane me indagou sobre a genealogia do termo corpovivências. Como resposta, mencionei a contribuição do conceito de *escrevivências*, de Conceição Evaristo, para pensar a relação corpo, vivência e escrita; as praxiologias de mulheres pretas acadêmicas – inclusive aquelas referidas no parágrafo anterior –, que me auxiliam diariamente na identificação, no questionamento e em possíveis interrupções ligadas à colonialidade, principalmente no que diz respeito à minha cor branca e aos privilégios a ela atrelados; e citei mulheres do meu convívio pessoal, que ainda hoje fazem parte da minha (trans)formação.

Uma das mulheres mencionadas no capítulo foi Leonice, *mulherpretartista*, que exerce papel fundamental nas minhas corpovivências. Passei grande parte da infância e da adolescência frequentando a casa dela, pois suas duas filhas constituem o meu círculo de amizade mais íntimo desde os primeiros anos de vida. Além de mãe de duas grandes amigas, Leonice é artista: ela borda e faz bonecas.

Desde muito pequeno, era comum chegar em sua casa e vê-la sentada em uma cadeira de madeira, em um pequeno quarto iluminado, sempre com o rádio ligado, rodeada de cadernos de risco, papéis carbono e muitos panos. O barulho da máquina de bordar era intenso. Havia tecidos de todas as cores, estampados com os mais diversos bordados. Frutas, flores e garotinhas de vestido longo usando chapéu são os que eu mais me recordo. Alguns desenhos eram tão requisitados por suas/seus clientes que ela nem precisava de seu caderno de riscos. Fazia-os de cór!

Aquele lugar também era de histórias, muitas histórias. Ali imaginávamos casas com piscinas, tobogãs, churrascos e até mesmo equipadas com banheiras de hidromassagem. Tudo muito distante da realidade das nossas casas e do bairro periférico da cidade de Anápolis-GO, em que nasci, cresci e Leonice ainda vive. Alguns anos atrás, a artista decidiu começar a fazer bonecas. E ela as fazia e ainda as faz de diferentes tamanhos e cores. Arte, vida e resistência sempre se entrelaçaram nas corpovivências dessa mulher! Em uma de nossas conversas por WhatsApp<sup>3</sup>, ela me relatou que as bonecas de sua infância eram feitas de palitos de picolé amarrados com linha ou até mesmo de espigas de milho – desde pequena é possível perceber a criatividade e a engenhosidade nas produções de Leonice. Quando adulta, ela quis realizar o sonho de ter uma boneca de pano. Para alcançá-lo, assim como na infância, confeccionou a sua própria, porém desta vez com a cor e o orgulho de sua pele negra. A boneca se tornou sua obra de arte preferida.

Resgatar corpovivências coconstruídas com uma das mulheres que constituem as minhas epistemes, pois com Leonice aprendi a imaginar mundos outros para além daquele em que estávamos inseridos, e mobilizar minhas corpomemórias<sup>4</sup> são movimentos que corporificam minha produção acadêmica. Como afirma Lynn Mario T. Menezes de Souza, em entrevista cedida a Juliana Zeggio Martinez e Eduardo Henrique Diniz de Figueiredo, o fato de estarmos sempre enunciando de um lugar específico, atravessado por histórias particulares é um dos pilares da teoria decolonial. Isso porque

[...] estamos localizados num corpo específico, que por sua vez, ocupa determinado espaço, tem uma determinada história. Então, não existe para mim a possibilidade de produzir uma teoria tal qual. A minha leitura da teoria decolonial tem muito a ver com quem eu sou, com o que eu vivenciei, com o que eu li, com o que eu fazia antes e, para mim, a teoria decolonial me ajudou a entender isso (Souza; Martinez; Diniz de Figueiredo, 2019, p. 6).

Nesse sentido, as leituras sobre o pensamento decolonial que venho realizando apontam, cada vez mais, para a necessidade de uma escrita corpovivenciada ou corpoevidenciada (Almeida, 2023), isto é, uma escrita que carrega as potências daquelas/es que nos permitem perceber o mundo e a nós mesmas/os de modos outros, para além dos modelos universais,

---

<sup>3</sup> Atualmente, moro no Estado do Pará, mais especificamente no município de Bragança. Apesar da distância, Leonice e eu mantivemos contato através das redes sociais como o próprio WhatsApp e ainda hoje trocamos mensagens esporádicas sobre a vida de modo geral.

<sup>4</sup> Afinal, nossas memórias estão sempre associadas a formas, objetos e corpos humanos e não-humanos que nos circundam e conferem sentidos à nossa existência.

imparciais, objetivos, lineares e desprovidos de quaisquer formas e corpos, disseminados pelos saberes eurocentrados.

Feitos os devidos reconhecimentos às epistemes e às corpovivências de Leonice e apontados os desdobramentos dessa relação na minha vida pessoal e acadêmica, avanço para discutir os seguintes aspectos na próxima seção. Início com uma rápida contextualização do meu primeiro contato com a (de)colonialidade; discuto a diferença entre colonialismo e colonialidade, apresentando as implicações desta nas searas do poder, do saber e do ser; e, por fim, abordo a noção de corpovivências de modo mais situado, com vistas a demonstrar como o construto tem me permitido combater e ressignificar, em alguma medida, a colonialidade e suas ramificações dentro e além da sala de aula de línguas.

### **(De)colonialidade(s) e corpovivências: entrelaçamentos e potencialidades**

Como discuto alhures (Almeida, 2023), o primeiro contato com o pensamento decolonial ocorreu durante uma disciplina<sup>5</sup> no mestrado, ainda no ano de 2015. Naquela circunstância, Marco Aurélio, um colega de turma, apresentou seu projeto de pesquisa e, como referencial teórico, discutiu alguns conceitos-chave presentes no pensamento decolonial que pautaram suas análises na dissertação (Neves, 2017). O modo como ele abordou o assunto me chamou a atenção e aquela apresentação me marca até hoje. Em 2018, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos a respeito da (de)colonialidade ao cursar a disciplina *Formação docente no ensino de segundas línguas e línguas estrangeiras* como aluno especial, ministrada pela professora Dra. Rosane Rocha Pessoa. Dali em diante, decidi que a minha pesquisa no doutorado iria se pautar no pensamento decolonial e escrevi meu projeto de doutorado pensando nas implicações dessas teorizações no interior de uma franquia de escola de idiomas. Espaço esse que eu trabalhava como coordenador e fui responsável pela criação de um grupo de estudos com as/os professoras/es ali atuantes (Almeida; Sabota, 2021). Apesar de ter mudado o lócus da pesquisa, o pensamento decolonial foi mantido como teoria basilar da tese.

Traçando um breve percurso histórico a respeito da colonialidade (do poder), o sociólogo peruano Aníbal Quijano propõe essa perspectiva ainda no final do século XX, tornando-se uma das “teorias que cruzaram, no sentido contrário, a Grande Fronteira, isto é, a fronteira que divide o mundo entre o Norte e o Sul geopolíticos, e alcançaram impacto e

---

<sup>5</sup> Trata-se da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica, ministrada pelo Prof. Dr. Ariovaldo Lopes Pereira e pela Profª. Dra. Veralúcia Pinheiro.

permanência no pensamento mundial” (Segato, 2021, p. 43). Para a antropóloga argentina Rita Segato, a teoria de Quijano representa “um momento de ruptura de grande impacto no pensamento crítico nos campos da História, Filosofia e Ciências Sociais na América Latina, por um lado, e de nova inspiração para a reorientação dos movimentos sociais e da luta política, por outro” (2021, p. 44). Nessa direção, faz-se mister a leitura dos trabalhos do autor sobre a colonialidade do poder (1991, 2005, 2007) e suas implicações em territórios e subjetividades colonizadas.

No que concerne à diferença entre colonialismo e colonialidade, Quijano (2007, p. 93) afirma que o primeiro refere-se a “uma estrutura de dominação e exploração, na qual o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma determinada população é detido por outra de identidade diferente, cujas sedes centrais estão, além disso, em outra jurisdição territorial”. Já a colonialidade “é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial e de poder capitalista”, e se alicerça “na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo” (Quijano, 2007, p. 93). Originada e espalhada a partir do continente americano, a colonialidade se mantém viva e impregnada nos modos de ser/saber/viver dos povos colonizados, seja “nos manuais de aprendizagem, no critério para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em tantos outros aspectos de nossa experiência moderna” (Maldonado-Torres, 2007, p. 131).

Desenvolvida por Aníbal Quijano, a noção de colonialidade do poder atua como elemento central na “classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial” (Quijano, 2005, p. 117). Nessa perspectiva, as noções de raça passam a ocupar papel estruturante na implementação de mecanismos de imposição, exploração e hierarquização do trabalho: “os brancos, ‘superiores’, eram os únicos que desempenhavam trabalho assalariado. Aos/Às índios/as e negros/as restavam a escravidão ou a servidão, ambas não assalariadas” (Borelli, 2018, p. 42). Para além da racialização da divisão do trabalho, a colonialidade do poder expressa uma “capacidade explicativa que atualiza e contemporiza processos que supostamente teriam sido apagados, assimilados ou superados pela modernidade” (Ballestrin, 2013, p. 100). Assim, a colonialidade do poder constitui uma categoria analítica essencial para compreender o papel da raça na implementação de um projeto de classificação social de corpos não-brancos no contexto da colonização, ao mesmo tempo em que denuncia a colonialidade como sendo constitutiva, e não posterior, à modernidade.

Ballestrin (2013) alega que a colonialidade do saber é um dos temas mais recorrentes

nas discussões do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), formado por intelectuais latino-americanas/os que têm problematizado e ressignificado as ciências sociais no continente, e cuja sistematização ganhou destaque na obra organizada por Edgardo Lander (2005). Borelli (2018) destaca que a colonialidade do saber se instaura por meio de uma lógica perversa encarregada de ditar quais formas de conhecimento merecem existir e quais merecem ‘sumir do mapa’. Essa exclusão se dá principalmente com base nos ideais de objetividade e universalidade que caracterizam a noção hegemônica de conhecimento válido.

Castro-Gómez (2005) propõe a noção de *hybris del punto zero* como ponto de partida para representar e conformar uma visão de mundo e, conseqüentemente, de ciência supostamente neutra, universal, racional e absoluta. Para Souza e Nascimento (2018, p. 249) “o ponto zero hierarquiza, subalterniza e silencia a pluralidade de epistemologias existente no mundo, assim como institui performaticamente, ao mesmo tempo em que hierarquiza as identidades e subjetividades dos sujeitos colonizados”. Dessa maneira, quaisquer manifestações de conhecimento que destoem da epistemologia do ponto zero passam a ser deslocadas para o passado e interpretadas como inferiores, como é o caso do mito, da lenda, do folclore e do conhecimento visto como tradicional (Souza; Nascimento, 2018).

A colonialidade do ser, por sua vez, trata-se de um conceito formulado inicialmente por Walter Dignolo (1995) e posteriormente desenvolvido por Maldonado-Torres (2007). Segundo o filósofo porto-riquenho, Martin Heidegger propõe que, na máxima cartesiana *Penso, logo existo* (*cogito, ergo sum*), há uma noção mais importante do que a razão a ser observada: o próprio conceito de *ser*. Aquilo que para René Descartes se formulava como “Eu PENSO, logo eu sou”, tornou-se, para Heidegger, “Eu penso, logo eu SOU” (Maldonado-Torres, 2007, p. 144). Ao se dedicar a desvelar a complexidade presente na epistemologia cartesiana e na ontologia heideggeriana, o estudioso argumenta que existem duas dimensões não reconhecidas para além do *pensar* e do *ser*: “por trás do ‘penso’, podemos ler ‘os outros não pensam’, e por trás do ‘existo’, é possível localizar a justificativa filosófica para a ideia de que ‘os outros não são’ ou não possuem ser” (Maldonado-Torres, 2007, p. 144). Assim, é possível perceber o elo entre a colonialidade do saber e a colonialidade do ser na formulação cartesiana. Nessa mesma direção, Borelli (2018) nos alerta para os riscos de desvincularmos nossa subjetividade de aspectos como raça, gênero, etnia ou classe social, visto que essas características são responsáveis por garantir mais um dia de vida “de tantos/as condenados/as na contemporaneidade” (Borelli, 2018, p. 45).

Ainda que a colonialidade se manifeste em múltiplas dimensões e se faça presente até hoje nos modos de pensar, sentir, existir e agir, as estratégias de enfrentamento e resistência a

ela são infinitamente superiores. Seja nos movimentos sociais e estudantis, nas aldeias, nas favelas, nos quilombos, nas ruas dos grandes centros urbanos, nas universidades, nas escolas, nas casas de famílias pobres ou nos próprios corpos das pessoas subalternizadas pela raça, pelo gênero, pela sexualidade, pela idade ou pela própria espiritualidade, a resistência e a reexistência se fazem presentes. É nessa multiplicidade de possibilidades de reinvenção e ressignificação que se inserem as corpovivências.

Em comunhão com outras manifestações de denúncia e de interrupção da colonialidade, advindas dos mais diversos espaços, percebo nas corpovivências muito mais do que a união de dois termos (corpo + vivência). Nesse percurso, tenho compreendido a urgência de trazer para a conversa aquelas/es que foram reiteradamente invisibilizadas/os por esse sistema que intenta higienizar línguas, homogeneizar saberes, hierarquizar ofícios e racializar corpos.

O movimento presente nas corpovivências tem me permitido compreendê-las como ação, *corpovivenciando* ou *corpoevidenciando* fenômenos, memórias e vivências diversas. Além de contribuir para a percepção de como o corpo inclui ou exclui a depender da circunstância de violência colonial imputada, as corpovivências têm permitido que sujeitas/os se reinventem e reinventem o próprio conceito. Dito isso, apresento, na próxima seção, de que maneiras pesquisadoras/es da Linguística Aplicada Crítica têm compreendido e performado o conceito em seus estudos.

### **Estudos com/sobre/a partir das corpovivências na Linguística Aplicada Crítica**

Por não se tratar de um estudo que intenta realizar um levantamento exaustivo do estado da arte sobre um tema específico, mas, antes, de um esforço para apresentar como o conceito de corpovivências tem ecoado nos trabalhos acadêmicos de pesquisadoras/es da área de Linguística Aplicada Crítica, reitero que os estudos presentes nesta seção foram localizados por meio de uma busca no Google Acadêmico.

Para a realização da pesquisa na ferramenta especializada em literatura científica, feita no dia 28/11/2025, utilizei os termos ‘corpovivências’ e ‘Linguística Aplicada’ no campo de entrada e delimito o período de 2023 a 2025. Foram identificados aproximadamente 18 resultados, sobre os quais realizei uma leitura exploratória e selecionei aqueles que faziam referência direta ao construto de corpovivências por mim proposto e estavam inseridos na seara da LAC. Os estudos de outras áreas que utilizavam o termo corpovivências com outros sentidos foram excluídos das análises. A seguir, apresento um quadro com os nomes das/os autoras/es,

os títulos dos textos, os tipos e anos de publicação, bem como o trecho principal em que o conceito é mobilizado nos trabalhos.

**Quadro 1:** Trabalhos que mobilizam o conceito de corpovivências na Linguística Aplicada Crítica

<b>Autoras/es</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Ano</b>	<b>Trecho em que o conceito de corpovivências é mobilizado</b>
Andressa Carolina Arantes Batista, Iury Aragonez da Silva e Neuda Alves do Lago	Uma preciosa tradução intersemiótica do texto literário ao cinematográfico	Artigo em periódico ( <i>Revista de Letras – Juçara</i> )	2023	“[...] Essas corpovivências (Almeida, 2023) são narradas no livro, de modo que Sapphire mescla ficção com as histórias reais de muitas “Preciosas” que cruzaram o seu caminho durante os seus anos como educadora” (p. 111).
Iury Aragonez da Silva	Intra-ações na educação digital onlife: uma leitura pós-humanista de uma sala de aula de francês	Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Universidade Federal de Goiás)	2023	“[...] esperava que os/alunos/as se apropriassem da proposta para performar criticidade e difratar suas <i>corpovivências</i> , entendidas “como possibilidade[s] de criação de caminhos outros de ser, estar, pensar, enxergar, escutar, sentir, conhecer” (Almeida, 2023, p. 18)” (p. 106).
Eloisa Terezinha Teles Curado	A inserção profissional de professores/as de línguas: emoções e (des)identificações em movimento	Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – Universidade Estadual de Goiás)	2024	“[...] o pesquisador, ao se referir às corpovivências (grifo do autor) e à metodologia adotada em sua tese de doutorado, argumenta que esse processo fez parte do esforço de romper com a ideia de a ciência ser construída em um processo solitário e apenas dentro da academia” (p. 27).
Matheus Carlos da Silva-Mello	Letramento Racial Crítico e a interrupção de silêncios na formação de professoras/es de línguas: o que se esconde quando falo de raça?	Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – Universidade Estadual de Goiás)	2025	“[...] o autor propõe a corpovivência como desobediência epistêmica e a criação de subjetividades que vivenciem um horizonte decolonial na diferença de pensamento em relação ao hegemônico, marcando os saberes que produzimos” (p. 91).
Barbra Sabota, Vitória Silveira e Laryssa Paulino de Queiroz Sousa	Vozes da memória: leituras literárias como geradoras de discussões sobre/com/a partir de corpovivências em aulas de inglês	Artigo em periódico ( <i>Revista Brasileira de Linguística Aplicada</i> )	2025	“[...] Ricardo Almeida (2023) nos sugere o termo corpovivências como uma forma de compreender o entrelace de percepções de si, de seu contexto histórico, político e cultural e do papel do corpo na construção da linguagem. Segundo o autor, o compartilhamento das

				corpovivências pode levar a “possibilidades de criação de caminhos outros de ser, estar, pensar, enxergar, escutar, sentir, conhecer” (Almeida, 2023, p. 18)” (p. 4).
Carlos Matheus da Silva-Mello, Vivian Silva Castelo Branco, Barbra Sabota, Laryssa Paulino de Queiroz Sousa, Viviane Pires Viana Silvestre, Ana Luísa Carvalho Rodrigues e Fernanda Franco Tiraboschi	Linguagens etéreas: interpelações para a Linguística Aplicada Crítica desde o Sul Global	Artigo em periódico ( <i>Trabalhos em Linguística Aplicada</i> )	2025	“Para Ricardo Regis de Almeida (2023), trazer as corpovivências para a conversa favorece trilhas outras de sentir, viver e afetar-se com e pelo mundo. O autor entende que um trabalho com “corpovivências” implica a “possibilidade de criação de caminhos outros de ser, estar, pensar, enxergar, escutar, sentir, conhecer, enfim, viver o horizonte decolonial” (Almeida, 2023, p. 23). É nessa linha que compreendemos a produção semiótica multimodal dos corpos dissidentes presentes no videoclipe, a qual discutimos neste estudo” (p. 5).
Viviane Pires Viana Silvestre, Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade, Julma D. Vilarinho Pereira Borelli e Barbra Sabota	Universidadescola na formação de professoras/es de línguas	Artigo em periódico ( <i>Revista Brasileira de Linguística Aplicada</i> )	2025	“[...] um convite à reflexão sobre como as corpovivências (Almeida, 2023) escolares tensionam e ressignificam a formação docente universitária e vice-versa” (p. 4).
Barbra Sabota, Santiago Veiga de Jesus e Vitória Maria Sá da Silveira	Afetividarte e formação docente: registros autoetnográficos a seis mãos	Artigo em periódico ( <i>Pensares em Revista</i> )	2025	“[...] Almeida (2023, p. 23), define “corpovivências como possibilidade de criação de caminhos outros de ser, estar, pensar, enxergar, escutar, sentir, conhecer, enfim, viver o horizonte decolonial” (p. 85)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Conforme os dados apresentados no quadro acima, o construto *corpovivências* aparece em oito trabalhos inseridos na seara da Linguística Aplicada Crítica. No total, foram encontrados cinco artigos publicados em periódicos especializados e três dissertações de mestrado. Entre citações de trechos presentes na tese (Almeida, 2023), inferências, ressignificações e referências diretas ao construto, observa-se que as corpovivências têm se mostrado férteis no combate à colonialidade nas mais diferentes esferas, seja nos estudos culturais, na formação docente inicial e continuada, nas discussões sobre língua[gem], ou ainda, nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas de línguas e de literatura.

Ante o exposto, compreendo que as corpovivências têm servido de resistência e reexistência em contextos que suplantam a sala de aula de línguas, alcançando subjetividades, metodologias e epistemes para além desses espaços educativos. Reitero, por conseguinte, que

a discussão dos “ranços coloniais com nossas mães e nossos pais, filhas e filhos, vizinhas/os, amigas/os, conhecidas/os, seja quem for” (Almeida, 2023, p. 36) torna o exercício de enfrentamento à colonialidade viável e permite que ele alcance corpovivências não necessariamente reconhecidas pela academia.

## **Considerações Finais**

Neste artigo, discuti os modos como o conceito de corpovivências vem se afirmando como estratégia de enfrentamento à colonialidade e às suas múltiplas dimensões, dentro e fora da sala de aula de língua inglesa. Para isso, tomei como referência trabalhos de pesquisadoras/es inseridas/os na seara da LAC que têm se apropriado do construto.

Mais do que simplesmente falar sobre corpovivências, busquei performá-las ao longo do estudo, evidenciando os modos como venho relacionado minha trajetória acadêmico-profissional ao que realizo/vivo/sinto/performo/me torno fora da academia. Sem me ater apenas ao que postulam as/os grandes teóricas/os da (de)colonialidade, tenho procurado “atar fios soltos, fazer remendos e projetar algum tipo de liame” (Fabrício, 2017, p. 17), sempre em parceria com aquelas/es que me fizeram e fazem pensar sobre como as corpovivências podem ser férteis no combate à colonialidade.

Os trabalhos analisados revelam que o construto tem sido mobilizado de diferentes maneiras, seja por meio de menção, de apoio teórico ou de sua própria expansão para o surgimento de outros conceitos, em outros contextos de pesquisa e de vida. Como venho defendendo desde o seu surgimento, episódios de colonialidade não se restringem às experiências vividas no contexto escolar ou universitário. Daí a relevância do surgimento de novas pesquisas que investiguem corpovivências em contextos de vida não-acadêmicos.

Afinal, nossas resistências e reexistências à colonialidade se tecem, primeiramente, na insistência em manter nossos corpos e nossas memórias de pé, firmes, avante. Finalizo essas reflexões trazendo as imagens de três bonecas feitas pela *mulherpretaartista* que, desde a minha infância, me ensina a redesenhar rumos para a vida e para as minhas próprias corpovivências: Leonice.



### **Conflito de interesses / Conflict of Interest**

O autor declara que não possui interesses financeiros ou pessoais que possam ter influenciado as análises dos dados presentes neste trabalho.

The author declares no financial or personal interests that could have influenced the data analyses presented in this work.

### **Declaração de Acessibilidade aos Dados / Data Accessibility Statement**

Por se tratar de um estudo estritamente bibliográfico, não há dados empíricos passíveis de disponibilização. Todo o corpus analisado encontra-se listado nas Referências, e os trechos em que faço menção a Leonice foram lidos e validados por ela.

As this is an exclusively bibliographic study, there are no empirical data to be made available. The entire corpus analyzed is listed in the References, and the excerpts in which I refer to Leonice were read and validated by her.

### **Declaração de Uso de Inteligência Artificial / Artificial Intelligence Use Statement**

O autor declara que utilizou ferramentas de Inteligência Artificial (IA), especificamente o modelo GPT-5.1 (OpenAI), como recurso de apoio para revisão linguística e aprimoramento estilístico. Entretanto, o conteúdo analítico e todas as referências utilizadas no artigo são de inteira responsabilidade do pesquisador.

The author declares the use of Artificial Intelligence (AI) tools, specifically the GPT-5.1 model (OpenAI), as a support resource for linguistic revision and stylistic improvement.

However, the analytical content and all references used in the article are the sole responsibility of the researcher.

## Referências

ACHINTE, Adolfo Albán. Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine (org.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. (Tomo I). Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 443-468.

ALMEIDA, Ricardo Regis de. Rompendo barreiras e fronteiras no processo de aprendizagem de língua inglesa: leituras sobre cultura e preconceito presentes na animação Mary and Max. In: SABOTA, Barbra; SILVESTRE, Viviane Pires Viana. (org.). *Pesquisa-ação & formação: convergências no estágio supervisionado de língua inglesa*. 1ª ed. Anápolis: Editora UEG, 2017. p. 183-197.

ALMEIDA, Ricardo Regis de; SABOTA, Barbra. Esforços críticos e decoloniais na formação docente: reflexões de professores/as de inglês atuantes em uma franquia de curso de idiomas. *Revista intercâmbio*, v. 48, p. 103-122, 2021.

ALMEIDA, Ricardo Regis de. Movimentos decoloniais nas aulas de língua inglesa: uma proposta de percurso didático sobre o “dia do índio”. *Humanidades & Inovação*, v. 9, n. 9, p. 126-142, 2022.

ALMEIDA, Ricardo Regis de. *Corpovivências decoloniais compartilhadas e coconstruídas nas (e para além das) aulas de língua inglesa de um curso de letras: português e inglês*. 2023. 236 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

ALMEIRA, Ricardo Regis de. Learning English in the Amazon region of Brazil corpovivências of Youth and Adult Education students. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 26, p. 252-272, 2025.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, p. 89-117, 2013.

BATISTA, Andressa Carolina Arantes; ARAGONEZ, Iury; ALVES DO LAGO, Neuda. Uma preciosa tradução intersemiótica do texto literário ao cinematográfico. *Revista de Letras - Juçara*, v. 7, n. 2, p. 104–126, 2023. DOI: 10.18817/rlj.v7i2.3396. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/3396>. Acesso em: 29 nov. 2025.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. 185f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BORELLI, Julma Dalva Vilarinho Pereira. *O estágio e o desafio decolonial: (des)construindo sentidos sobre a formação de professores/as de inglês*. 2018. 222 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

CURADO, Eloisa Terezinha Teles. *A inserção profissional de professores/as de línguas: emoções e (des)identificações em movimento*. 2024. 125f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas - Nelson de Abreu Júnior, Anápolis, GO. 2024.

ELLSWORTH, Elizabeth. Why doesn't this feel empowering? Working through the repressive myths of critical pedagogy. In: LUKE, Carmen; GORE, Jennifer. (org.) *Feminisms and critical pedagogy*. New York: Routledge, 1989, p. 297-324.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Processos de ensino-aprendizagem, educação linguística e decolonialidade. In: ZOLIN-VESZ, Fernando (org.). *Linguagens e decolonialidades: práticas languageiras e produção de (des)colonialidade no mundo contemporâneo*. Campinas, SP: Pontes, v. 2, 2017. p. 15-38.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021 [1985].

LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MIGNOLO, Walter. Decires fuera de lugar: sujetos dicentes, roles sociales y formas de inscripción. *Revista de crítica literaria latinoamericana*, v. 11, p. 9-32, 1995.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-44.

NEVES, Marco Aurélio Fernandes. *Da colonialidade à decolonialidade: a prática pedagógica dos professores da rede municipal de Aparecida de Goiânia na implementação do projeto reativar/UFG*. 99f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-29, 1991.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005. p. 117-148.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad

Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, 2007. p. 93-126.

SABOTA, Barbra; JESUS, Santhiago Veiga de; SILVEIRA, Vitória Maria Sá da. Afetividade e formação docente: registros autoetnográficos a seis mãos. *Pensares em Revista*, v. 33, n. 33, p. 83-105, 2025.

SABOTA, Barbra; SILVEIRA, Vitória Maria Sá da; SOUSA, Larissa Paulino de Queiroz. Vozes da memória: leituras literárias como geradoras de discussões sobre/com/a partir de corpovivências em aulas de inglês. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, e49948, 2025.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

SILVA-MELLO, Carlos Matheus da. *Letramento Racial Crítico e a interrupção de silêncios na formação de professoras/es de línguas: o que se esconde quando falo de raça?*. 2025. 120f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas - Nelson de Abreu Júnior, Anápolis, GO. 2025.

SILVA-MELLO, Carlos Matheus; BRANCO, Vivian Silva Castelo; SABOTA, Barbra; SOUSA, Larissa Paulino de Queiroz; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; RODRIGUES, Ana Luísa Carvalho.; TIRABOSCHI, Fernanda Franco. Linguagens etéreas: interpelações para a Linguística Aplicada Crítica desde o Sul Global. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 64, n. 1, e025007, 2025.

SILVA, Iury Aragonéz. *Intra-ações na educação digital onlife: uma leitura pós-humanista de uma sala de aula de francês*. 2023. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa; BORELLI, Julma Dalva Vilarinho Pereira; SABOTA, Barbra. Universidadescola na formação de professoras/es de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 25, n. 3, e62073, 2025.

SOUZA, Naiara Cristina Santos de; NASCIMENTO, André Marques do. Apontamentos críticos sobre a colonialidade do saber: em defesa da pluralidade na construção do conhecimento. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 3, n. 1, p. 247-272, 2018.

SOUZA, Lynn Mario Menezes de; MARTINEZ, Juliana Zeggio; DINIZ DE FIGUEIREDO, Eduardo Henrique. “Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito”: entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP). *Revista X*, v. 14, n. 5, p. 05-21, 2019.

PENNYCOOK, Alastair. Critical moments in a TESOL praxicum. In: NORTON, Bonny; TOOHEY, Kelleen (org.). *Critical pedagogies and language learning*. Cambridge: CUP, 2004. p. 327-345.

PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de (org.). *Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica*. São Paulo: Pá de Palavra, 2021.

PESSOA, Rosane Rocha; ALMEIDA, Ricardo Regis de. Corpovivências in a doctoral thesis: a conversation between two members of the group Rede Cerrado de Formação Crítica de Professoras/es de Línguas (CNPq). In: EGIDO, Alex Alves; BROSSI, Giuliana Castro. (org.). *Applied Linguistics in the Global South: Ethical Human Relations Within and Beyond the Academia*. 1ed. Lanham: Lexington Books, 2025, v. 1, p. 17-26.

PESSOA, Rosane Rocha; URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio de. Ensino crítico de línguas estrangeiras. In: FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de (org.). *Formação de professores de línguas estrangeiras: Princípios e Práticas*. Goiânia: Editora UFG, 2012, p. 57- 80.

SABOTA, Barbra; ALMEIDA, Ricardo Regis de; MOURA, Rodrigo Milhomem de. Retorno à sombra de uma mangueira: uma conversa sobre nossas praxiologias à moda de Paulo Freire. *Filosofia e Educação*, v. 13, p. 2210-2234, 2022.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana. *Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o Pibid*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SOUZA, Naiara Cristina Santos de; NASCIMENTO, André Marques do. Apontamentos críticos sobre a colonialidade do saber: em defesa da pluralidade na construção do conhecimento. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 3, n. 1, p. 247-272, 2018.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.